



Um jovem bonito e com um passado misterioso carrega uma arma carregada, pronta para matar, pelas ruas da capital financeira mundial.

Esta cena não apenas descreve o suposto assassinato do CEO da United Healthcare, Brian Thompson, por Luigi Mangione, no centro de Nova York - e a subsequente enxurrada de atenção da mídia - mas também o enredo de um dos romances menos lidos de Henry James, *A Princesa Casamassima*.

O assassinato de grande repercussão e o romance de James ajudam a explicar o fascínio do público pela violência [política](#) e ainda mais pelo jogo de adivinhação psicológica que acompanha esses atos extremos.

Assim como Mangione, o romance deixa os leitores querendo saber mais - tanto as histórias de Mangione quanto as de James dão pistas, mas não o quadro completo, de por que uma pessoa cometeria tal violência.

O que você vai ler:



- [Um romance de violência política](#)
- [Nunca sabendo toda a história](#)
- [Os mistérios de Mangione](#)
- [Os limites do realismo](#)

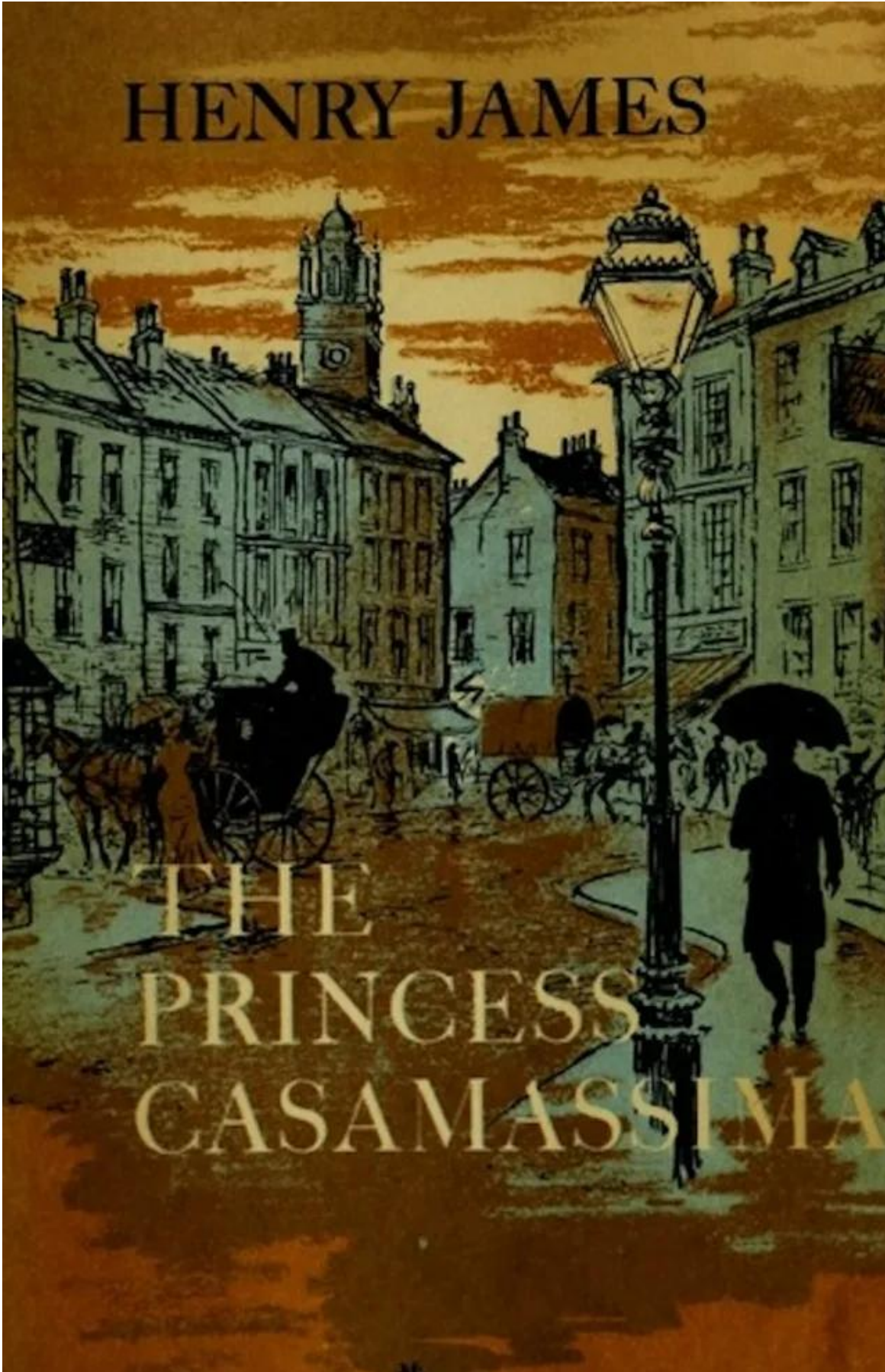
Um romance de violência política

Nascido nos EUA antes de se mudar para a Europa, James é considerado um dos mais habilidosos escritores de ficção literária moderna. *A Princesa Casamassimo* entanto, geralmente é ofuscado por clássicos como *O retrato de uma senhora* e *A volta do parafuso*.




memória
virtual

HENRY JAMES



THE PRINCESS CASAMASSIMA

HARPER TORCHBOOKS  The Academy Library / TB 1005 / \$1.85



O romance de James foi publicado em uma época repleta de violência política. (Imagem: Arquivo da [Internet](#))

Serialized em *O Atlântico* de 1885 a 1886, o romance conta a história de esquerdistas da classe trabalhadora e da aristocracia que se envolvem em vários triângulos amorosos.

Também se centra na experiência psicológica de ser um político radical numa época de desigualdade económica desenfreada e agitação anarquista. O final do século XIX foi um foco de violência política, com o assassinato do czar Alexandre II em 1881, os assassinatos em Phoenix Park em 1882 e o atentado bombista do Observatório de Greenwich em 1894, entre muitos outros incidentes, inspirando romancistas de ambos os lados do Atlântico.

O personagem central do romance, Hyacinth Robinson, cresce como um órfão bastardo na classe trabalhadora de Londres. Como um jovem artesão pobre, ele se enfurece contra a desigualdade económica. Mas quando a rica e culta Princesa Casamassima faz amizade com ele, Hyacinth se apaixona por seu estilo de vida.

Enquanto isso, a própria princesa começa a se livrar das armadilhas da riqueza ao se juntar à organização revolucionária de Hyacinth. Hyacinth, lutando contra uma “estranha mistura de impulsos contraditórios”, hesita em abandonar as coisas boas da vida: boa comida, romances franceses e arte erudita. Ele oscila entre desfrutar dessas novas e belas experiências e comprometer-se totalmente com uma ideologia que destruiria tudo.

Liberais proeminentes foram inspirados por *A Princesa Casamassima* assim como os famosos esquerdistas negros, apesar de sua sátira ao radicalismo.

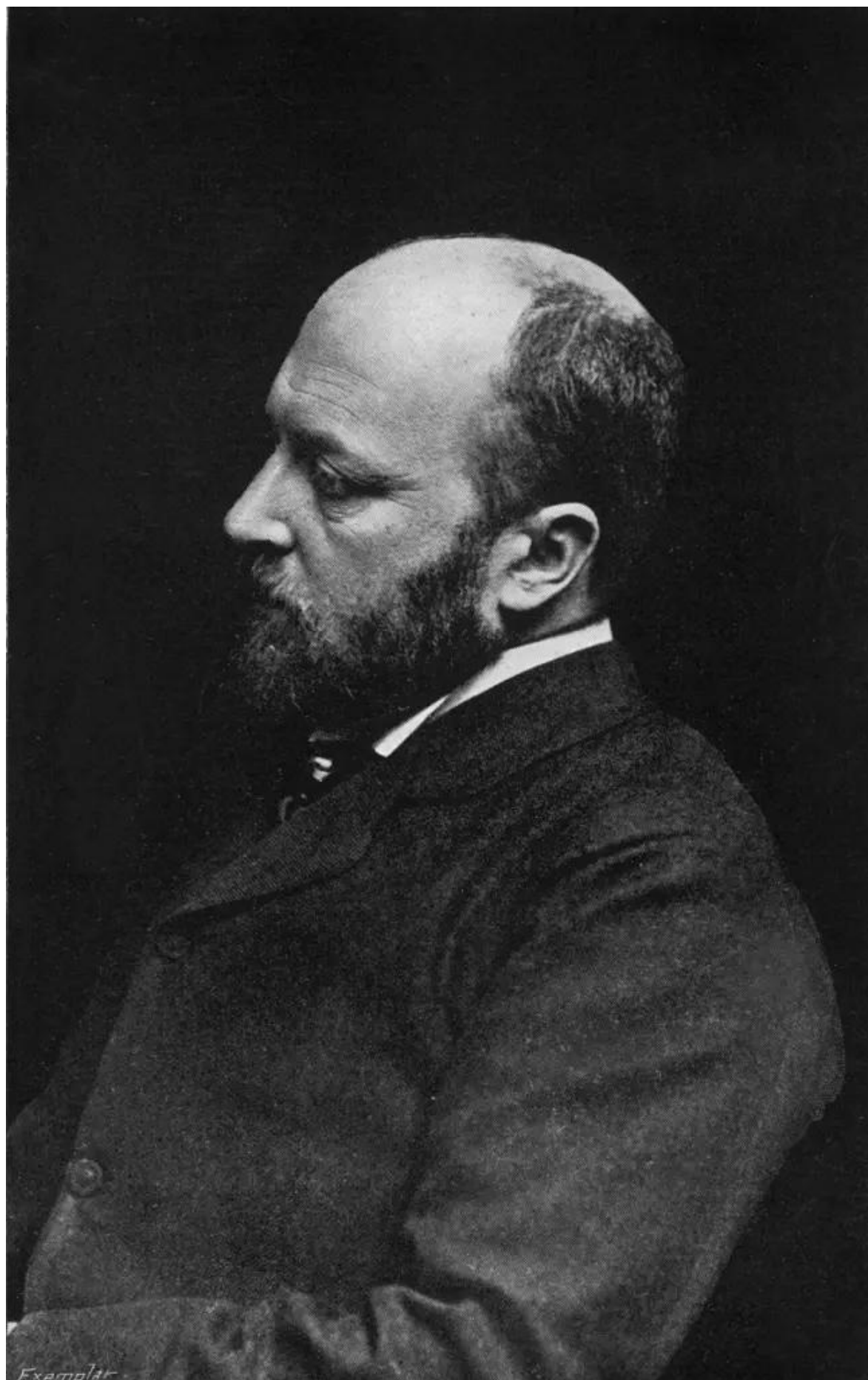
Ralph Ellison fez muitas anotações em sua cópia do prefácio do romance. James Baldwin listou o romance como um dos 10 [livros](#) que o influenciaram. E quando questionado sobre qual livro ele recomendava aos militantes do Black Power, Baldwin mencionou *A Princesa Casamassima*.

Nunca sabendo toda a história

O enredo de James parece inspirado no romance político do romancista russo Ivan Turgenev *Solo Virgem* que também influenciou o trabalho de Joseph Conrad *O Agente Secreto*.

Esses romances da Era Dourada, cada um deles explorando a violência política, lutam com o problema de entrar na mente de um revolucionário.

Turgenev, Conrad e James encontraram algo cativante nos revolucionários políticos que também eram bem educados, cultos e sensíveis. Seus romances perguntam se alguém que encontra tal significado na vida e na arte se sacrificaria em busca de uma revolução. Poderiam os protagonistas prosseguir com atos que destruiriam a si mesmos e às coisas que amavam?





Circunstâncias e escolhas cativaram Henry James. (Foto: Exemplar/Spencer Arnold/Getty Images)

No entanto, os três romancistas também se recusam a narrar momentos-chave de violência vindos da mente de um protagonista vacilante. Em *Solo Virgem* você ouve falar da ação revolucionária de segunda mão. Em *O Agente Secreto* o leitor nunca vê a bomba que visa o Observatório de Greenwich explodir, apenas os restos dispersos e horríveis do homem-bomba.

A *Princesa Casamassima* segue o mesmo padrão. James narra as “surpresas comoventes” do humor de Hyacinth e suas “súbitas inconsistências de temperamento”. Mas ele se abstém de descrever a cena - e o que se passa na cabeça de Hyacinth - quando Hyacinth entrega sua vida à revolução. O leitor só fica sabendo da cena mais tarde, por meio das conversas e lembranças de Hyacinth.

Finalmente, depois que Hyacinth é chamada para matar - e não vou estragar o final - James descreve as consequências desse evento, mas não o ato em si.

Da mesma forma, James resiste a explicações completas para os estados psicológicos dos personagens secundários. A princesa nunca diz completamente por que se torna uma traidora de classe. Ela também participa de reuniões revolucionárias fora do alcance de Hyacinth e do narrador. O narrador, estranhamente, chega a descrever as ações da princesa como uma “imensa anomalia” e “mais do que pode ser explicado”.

Digo “estranhamente” porque, como criador de um mundo fictício, James poderia facilmente tentar explicar. Os romances de James muitas vezes oferecem a causa das ações dos personagens com descrições detalhadas de seus processos de pensamento. E, no entanto, seus personagens ainda desafiarão qualquer explicação ao se comportarem de maneiras inesperadas.

Os mistérios de Mangione

Penso que o mesmo sentimento de mistério pode ajudar a explicar o fascínio público pelo caso Mangione. As pessoas querem entender sua motivação. Embora os livros apresentados na página Goodreads de Mangione e as postagens em suas contas nas redes sociais possam oferecer pistas, eles não fornecem respostas claras.

O seu manifesto relativamente breve discute o “abuso” e a “corrupção e ganância” da indústria dos seguros de saúde. Obviamente, Mangione estava zangado com o sistema de saúde.

Mas será que ele, ou alguém próximo a ele, teve uma reclamação negada? Houve um rompimento psicológico precipitante?

Se o que os procuradores alegam estiver correcto, porque é que este bem-educado e bem



sucedido jovem de 26 anos, com tanta vida pela frente, escolheria o homicídio em vez de outras vias para efectuar mudanças? O que passou pela sua cabeça enquanto esperava por Thompson em uma rua do centro da cidade? Se Mangione nunca vacilou no seu ódio às companhias de seguros de saúde, será que hesitou em recorrer à violência mortal?

Parte dessa suposição vem de uma lacuna no nosso conhecimento; Mangione saiu de cena nos meses que antecederam o suposto assassinato.

Mesmo nos raros casos em que o público tem todos os factos, é difícil entrar na cabeça de alguém que comete violência política. E essa dificuldade torna tudo ainda mais intrigante.

Os limites do realismo

Não é por acaso que aqueles que escreveram sobre violência política lutaram contra os limites do género conhecido como realismo literário.

Romancistas como Charles Dickens, Harriet Beecher Stowe e George Eliot se esforçaram para capturar os sistemas complexos e interconectados da vida moderna. Esses realistas literários usaram sua ficção para examinar o efeito das circunstâncias na psicologia. Eles queriam mostrar como a educação e as experiências de alguém influenciaram suas escolhas.

A carreira de Henry James começou durante o auge do romance realista. Mas, como argumentam estudiosos como Amanda Claybaugh, representar a violência revolucionária significava “ir além” do realismo. Hyacinth, a princesa e outros personagens simplesmente não podem ser totalmente explicados da maneira que o realismo aspira. Ou, como escreve a estudiosa Michaela Bronstein, “a violência é o tema de formas literárias que recusam o realismo”.

Para o conservador James, os revolucionários que queriam destruir a sociedade ultrapassaram os limites da forma literária. O realismo psicológico requer alguma simpatia por um personagem central. James aborda o problema criando um revolucionário que se parece com ele: não apenas um ideólogo obstinado, mas um artesão magistral, um amante da arte e um amigo sensível. Hyacinth parece acreditar na causa da igualdade. Mas como alguém que também ama o mundo tal como ele é, ele hesita em cometer violência.

O mistério das escolhas humanas, mesmo quando as circunstâncias são conhecidas, ocupou escritores como James, que parece questionar se ele próprio poderia realmente cometer um assassinato político. Ele não sabe. E portanto há uma lacuna gritante - um bloqueio mental - quando se trata de explorar a psique de seu protagonista. Sua ficção realista nunca poderia chegar a uma compreensão completa.

Há muitas razões pelas quais o alegado assassinato de Thompson por Mangione atraiu tanta atenção: a forma como destaca problemas com o setor de seguros de saúde, os detalhes sinistros do tiroteio e da subsequente fuga de Mangione e, claro, a boa aparência de



Mangione.

Apesar de saber tantos detalhes, seu estado mental ainda é um mistério.

Max Chapnick é pesquisador da Universidade de Boston.

Este artigo foi republicado de The Conversation sob uma licença Creative Commons. Leia o artigo original.